

*O mundo em minúsculas: uma leitura de
"A máquina de fazer espanhóis"*

The world in small letters: a reading of "A máquina de fazer espanhóis"

Shirley de Souza Gomes Carreira

UNIABEU Centro Universitário, Nilópolis, RJ, Brasil

Resumo: A literatura tem se revelado um local de memória, um espaço de expressão de memórias individuais e coletivas. Em alguns casos, o espaço onde se discute não a memória em si, mas o esquecimento. Este artigo visa à análise do romance *A máquina de fazer espanhóis* (2000), de Valter Hugo Mãe, de modo a demonstrar como a ficção aborda os limites e o entrelaçamento entre a identidade, a história, a memória e o esquecimento, por meio das histórias individuais dos personagens.

Palavras-chave: Identidade. História. Memória. Esquecimento. Valter Hugo Mãe.

Abstract: Literature has been a place of memory, a space of expression of individual and collective memories. In some cases, it is the place where memory is not the object of discussion, but oblivion. This paper aims at the analysis of Valter Hugo Mãe's novel *A máquina de fazer espanhóis* (2000), in order to demonstrate how the fiction approaches the boundaries and the interweaving of identity, history, memory and oblivion through the characters' individual stories.

Keywords: Identity. History. Memory. Oblivion. Valter Hugo Mãe.

Introdução

Para Maurice Halbwachs¹, os homens tecem suas memórias a partir das diversas formas de interação que mantêm com outros indivíduos. Como os indivíduos pertencem a vários grupos e se inserem em múltiplas relações sociais, as diferenças individuais de cada memória expressam o resultado da trajetória de cada um ao longo de sua vida. Assim, a memória individual entrelaça-se às memórias coletivas. No entanto, Halbwachs reitera a tese durkheimiana sobre a preponderância da consciência coletiva sobre o indivíduo.

Em outra perspectiva, Pierre Nora (1993), ao confrontar abordagens diferentes do passado, objetivou mostrar que a história corresponde à aceleração moderna do tempo, o que faz com que perceba eventos como sendo efêmeros, transitórios, enquanto que a memória coletiva está associada a um movimento contínuo, a lembranças transmitidas de geração a geração.

No que diz respeito à questão da dominação e à violência, pode-se observar uma complexa operação entre memória e esquecimento, utilizados como instrumento de poder por governos diversos para obter controle político sobre forças antagônicas. São esses governos que decidem o que esquecer e o que lembrar.

No âmbito da memória individual, o esquecimento, por vezes, parece ser utilizado como uma estratégia de sobrevivência. Michel Pollak, no texto “Memória, esquecimento, silêncio” (1989), chamou atenção para os processos de dominação e submissão das diferentes versões e memórias, apontando para a clivagem entre a memória oficial e dominante e “memórias subterrâneas”, marcadas pelo silêncio, pelo não dito, pelo ressentimento, pelas lembranças proibidas.

A literatura tem se revelado um local de memória, um espaço de expressão de memórias individuais e coletivas. Em alguns casos, o espaço onde se discute não a memória em si, mas o esquecimento.

Este artigo visa à análise do romance *A máquina de fazer espanhóis* (2000), de Valter Hugo Mãe, de modo a demonstrar como a ficção aborda

¹ Maurice Halbwachs estabeleceu os principais argumentos teóricos de defesa do caráter coletivo da memória coletiva em duas obras que hoje se tornaram referências obrigatórias ao tema, *Os quadros sociais da memória* (1925) e *A memória coletiva*, esta última publicada após sua morte (1950).

o entrelaçamento e os limites entre a identidade, a história, a memória e o esquecimento, por meio das histórias individuais dos personagens.

Uma história submersa

Andreas Huyssen, em *Seduzidos pela memória* (2000), mostra como os regimes pós-ditatoriais empenham grande energia na promoção (ou fabricação) de políticas do esquecimento. Como uma espécie de resistência a essas políticas, desenvolve-se, por parte das sociedades civis, toda uma cultura da memória (relacionada às histórias de nações e estados específicos), com o objetivo claro de se criarem esferas públicas de memória. É indiscutível o papel da literatura nesse projeto de resistência.

Em entrevista ao site do Estadão², o autor, Valter Hugo Mãe, afirmou que

*O mundo em
minúsculas*

267

O esquecimento entra muito no contexto da memória política, das memórias que temos de Salazar. Muitas coisas estarão a voltar porque as pessoas não se lembram de como foi. Uma das coisas mais perigosas numa sociedade tem que ver com reincidir em erros historicamente assimilados, atrocidades tremendas que a história ostenta, mas o povo esquece e comete de novo. Salazar vem sendo largamente recuperado no pensamento da gente. Algumas de suas ideologias mais hediondas começam a ressurgir em gente mais nova e mais velha. Por todo o lado na Europa, essas ideias, que mostram uma necessidade totalitarista de fechar as barreiras para que sejamos puros, vão surgindo à boca fechada. As pessoas sabem que estão erradas, que é um pensamento terrível, mas, dentro das suas casas, isso vai ressurgindo. Frustra-me que países europeus estejam se voltando à extrema direita com um pensamento racista, xenófobo. A desculpa é arranjar trabalho para nosso povo. Mas, a partir disso, temos um presidente que no Dia de Portugal diz que é o dia da raça portuguesa. O que significa dia da raça portuguesa?

São muitos os textos literários portugueses que se insurgem na luta contra uma política de esquecimento, resquício do regime salaza-

² Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,as-vantagens-e-os-perigos-do-esquecimento,742109,0.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2011.

rista. *A máquina de fazer espanhóis* é construído de modo a revisitar a história de Portugal por meio das lembranças do protagonista, ao mesmo tempo que promove uma crítica à atual situação do país, como membro da União Europeia.

O gosto da conquista, presente nos tempos áureos de Portugal, entretecido na visão nacionalista tão cuidadosamente cultivada no imaginário popular, transfigura-se em desencanto no romance. Essa desconstrução simbólica está atrelada à decadência física do protagonista, António Silva, que, aos 84 anos, após a morte da esposa, é enviado a um asilo para idosos, onde tem a oportunidade de rememorar a sua vida, suas escolhas e infortúnios.

O confronto entre presente e passado dá-se já nas primeiras páginas, quando os dois Silvas são apresentados ao leitor: António, metáfora do homem comum, com uma trajetória de vida que evoca o período Salazarista, revestido de coerção e medo, e Cristiano, o Silva da Europa, que vê na União Europeia o lenitivo para todas as mazelas do país.

o homem interrompeu o silêncio para me explicar que também se chamava silva. cristiano mendes da silva, e eu imediatamente pensei em nós dois como a frente e o verso, eu, antónio jorge da silva, e ele, o silva da Europa, o peito inchado de orgulho como se tivesse conquistado tudo sozinho. continuou, somos todos silvas neste país, quase todos. Crescemos por aí como mato, é o que é. Como as silvas. Somos silvestres, disse eu, obrigado a sorrir já como quem suplica uma trégua. Exatamente, assim do mato, grassando pelo terreno fora com cara de gente, mas muito agrestes, sem educação nenhuma. Eu torci a cara e não respondi. Depois não resisti a acrescentar, olhe que somos gente educada. E ele quase me repreendeu, mas a educação tem sido apertada neste país, à paulada, ou não lhe parece. (MÃE, 2011, p. 12-13).

O delírio de Cristiano, ao projetar na União Europeia a sua ambição de crescimento a ponto de afirmar que já não se sente diminuído como outrora, porque ser “um silva da europa” lhe confere uma igualdade em relação aos membros de grandes potências mundiais, contém a ironia do autor, seu ceticismo, que o leva a tecer, na ficção, o desaparecimento simbólico de Portugal em uma Europa unificada, inimiga da diversidade, que, ao reforçar-se, destrói as identidades dos países membros.

O Lar da Feliz Idade é o local para onde António é levado após a

morte de Laura, “com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias”; onde as fotografias lhe são tiradas, para que não cultive a dor da perda e são substituídas por uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, para que aprenda a rezar e salve sua alma; onde há de ficar “como uma gelatina de carne a amargar como pra lá dos prazos”, deixando que os filhos sigam suas vidas.

No asilo, António Silva encontra homens e mulheres, igualmente abandonados pelos familiares, ressentido da rejeição e, a princípio, recusa-se a ver a filha, o genro e os netos. À medida que os dias passam, ele percebe que, para que outros sejam admitidos no Lar, alguém tem de morrer. A consciência de que aquele é um local onde está à espera da morte suscita reflexões sobre coisas que sua mente havia apagado com o tempo.

O contato com um dos moradores do asilo, já com quase cem anos, que se identifica como o Esteves do poema “A tabacaria”, de Fernando Pessoa, dá-lhe novo ânimo. É perceptível que a referência a Pessoa no romance resgata algo de positivo em um período tenebroso na história de Portugal.

António Silva, que, nas primeiras páginas, mostra-se um marido apaixonado e, mesmo na velhice, apegado-se à mulher amada com a mesma paixão da mocidade, revela-se, ao longo do romance, um homem vencido pelo egoísmo e pelo medo.

Aos poucos, a imagem que faz de si mesmo, a de um homem bom, vai sendo desafiada pelas suas próprias lembranças. A revisão de sua história pessoal traz-lhe à memória um passado que preferia esquecer, posto que está ligado à repressão do regime salazarista, com o qual foi conivente, sempre com a desculpa de que o fazia por prudência, para proteger a família das arbitrariedades do governo.

não creio que algum dia tenha sido suficientemente amigo de alguém. fui sempre um homem de família, para a família, e o meu raio de acção esgotava-se essencialmente na minha mulher, nos meus filhos, e nos meus pais enquanto foram vivos. mas os que não tinham o meu sangue estariam sempre desclassificados no concurso tão rigoroso dos meus sentimentos [...], eu e a laura fizemos a vida através de um padrão discreto de rebeldia. era uma rebeldia nenhuma, mas antes uma mágoa que não nos fazia agir contra nada nem contra ninguém, e só nos amargava as idéias os intentos dos outros, isto passava sobretudo pelo regime, cla-

ro, ao qual não desobedecíamos mas do qual não gostávamos particularmente. era uma prudência, como afirmávamos nas poucas conversas secretas em que mencionávamos entre os dois o assunto. e não foi o rapaz estudante, comunista e revolucionário, que ajudei um dia na barbearia, capaz de mudar algo na minha maneira de me preocupar com os outros. (MÃE, 2010, p. 198-199).

A sua memória evoca uma época em que o silêncio era necessário à manutenção da vida, uma vez que a cada esquina havia o espectro de um membro da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE):

sabe, senhor silva, é preciso que se suje o nome de salazar para todo o sempre, é preciso que o futuro lhe reserve sempre a merda para seu significado, para que os povos se recordem como foi que um dia um homem só quis ser dono das liberdades humanas, para que nunca mais volte a acontecer que alguém se suponha pai de tanta gente. este tem de ser um nome de vergonha. o nome de um porco, para que ninguém, para a esquerda ou para a direita, volte a inventar a censura e persiga os homens que têm por natureza o direito de serem livres. e eu respondia-lhe, calate, miúdo, ainda me arranjas umas férias nos calabouços. fica calado. [...] mas adoraria sentir coragem para me pôr ali aos berros também, mesmo exagerando, mesmo que dizendo parvoíces só pelo prazer de as poder dizer, de poder ajuizar por mim o que quisesse ajuizar. na minha barbearia. ao menos na minha barbearia. ao menos na minha casa. na minha casa e com a minha boca livre. é um porco. (MÃE, 2010, p. 160).

O fantasma da própria covardia apossa-se de sua memória à medida que revisita o passado e se dá conta de sua submissão à política de Salazar, que evocava “Deus, Pátria, Família” como ideologia, mas, na prática, operava por meio de uma polícia onipresente e repressora de qualquer oposição política.

Durante o regime que manteve o povo português sob controle durante quase cinquenta anos (1926-1974), poucas emoções podiam ser demonstradas publicamente; entre elas a rivalidade entre os times de futebol, a aclamação patriótica e o fervor religioso.

Ao fazer da frase “Orgulhosamente sós” um mote do regime, Salazar criava uma máquina poderosa de isolamento cujo objetivo era o fortalecimento do sistema.

parecíamos um grande cenário de legos, pobrezinhos mas tão lavadinhos por dentro e por fora, a obedecer. divirtam-se, gentes da minha terra, não é desgraça ser pobre, punha-se a amália a dizer, e que numa casa portuguesa há pão e vinho e um conforto pobrezinho e fartura de carinho. (MÃE, 2010, p. 156)

O romance mostra, principalmente no capítulo que lhe dá título, o sentimento de inferioridade que toma conta do país, a ponto de fazer com que os portugueses desejem ser espanhóis. A “máquina de fazer espanhóis” são as mulheres portuguesas, que fazem portugueses sempre prontos a lamentar a independência.

*O mundo em
minúsculas*

as mulheres portuguesas é que faziam os espanhóis. abriam as pernas e pariam-nos a todos, estes espanhóis enfeitados, arrependidos, com vontade de voltar a casa, para terem melhor casa, melhores salários, uma dignidade à grande e não esta coisa quase a tombar ao mar, como se cada vez mais pressionada contra a parede, a suicidar-se, cheia de saudades, remorsos, queixas e tristezas profundas. (MÃE, 2010, p. 214).

271

No capítulo intitulado “cidadãos não praticantes” entra em cena o contraponto à imagem do português que se desencanta com a situação do país a ponto de desejar mudar de nacionalidade: o personagem Enrique, um espanhol que adotou a cidadania portuguesa, fugindo do fantasma de Franco.

foi uma entrada em grande para o espanhol enrique de badajoz de portugal. de facto, havia muito que o felicidade não vivia um momento de glória assim [...] um indivíduo que queria tanto ser português. um indivíduo que vinha reclamar a nossa cidadania com aquele fervor, recuperando brigas antigas e orgulhando-se de ter nascido em badajoz, a cidade onde os portugueses imaginam espanha.pudéssemos ser todos assim, convictos, sem orgulhos parvos, apenas a determinação de quem aceita ser daqui e edificar com essa raiz a sua vida. somos um país de cidadãos não praticantes. somos um país de gente que se abstém. (MÃE, 2010, p. 154).

Na única parte do livro em que maiúsculas são utilizadas, Enrique é recriminado por um inspetor de polícia que teria preferido passar a vida minúscula falando castelhano e ganhando seu salário como um espanhol.

‘Somos portugueses. Somos todos portugueses. Estamos livres de Franco, livres de Franco.’

O inspetor Jaime Ramos franziu o sobrolho e não conteve uma resposta. ‘Ó senhor, ainda há disto? Estávamos bemera a falar castelhano, com salários castelhanos e uma princesa bonita para as revistas. Que filho da mãe de erro este de proclamarem soberania nos arredos de uma península!’ (MÃE, 2010, p. 189-190).

A voz do silva da europa eclode, afirmando que “a ignorância é que nos pacifica” e “isto era a receita do regime”.

Em entrevista sobre o romance, Mãe afirma:

Os personagens principais procuro que sejam verídicos. Hoje, sinto que as pessoas são muito mescladas. No coração, todos são comunistas, mas no estômago todos são capitalistas. Meus personagens não sabem se têm saudades da ditadura, não sabe se vive-se melhor num regime autoritário ou num regime democrático. Eu cresci na década de 1980, vi o muro de Berlim cair. É frustrante ver como está Portugal agora, percebe-se que tudo regrediu.³

Conforme aponta Rosemary Afonso (2010, p. 60), o asilo é “uma metonímia de um país em extinção”, uma vez que os velhos que lá vivem pertencem à última geração que vivenciou diretamente a ditadura. Para António Silva, aquela é a última chance de redimir-se ante si mesmo:

naquela altura eu tinha de gritar. precisava de dizer que me arrependia, que não queria acabar sem metafísica, que me enterrassem com a metafísica e português. arrependia-me do fascismo e de ter sido cordeiro tão perto da consciência, sabendo tão bem o que era o melhor valor, nas sempre ignorando, preferindo a segurança das hipocrisias instaladas, eu precisava de gritar dizendo que queria morrer português, queria ser português, com a menoridade que isso tivesse de implicar, porque fui um filho-da-puta, e merecia ser punido, fiz do meu país um lugar de gente desconfiada, nenhum povo unido, eu precisava que me deixassem morrer inteiro, um monte de peles e carnes derrubadas, mas inteiro, com a ver-

³ Entrevista concedida a Lilian Fontes. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/entrevista/valter-hugo-mae-o-brasil-e-uma-grande-licao/>>

gonha de ter sido conivente e o orgulho de ter percebido tudo. porque eu precisava de morrer consciente, recordando cada minuto do tempo com a minha laura, recordando como se a vida se fizera em torno dela e da família, como me terá parecido que assim devia ser um homem, como assim me havia bastado a cidadania. assente sobretudo no amor. não me tirem a consciência do amor e da sua perda. (MÃE, 2010, p. 285-286).

O arrependimento não o impede de reproduzir o autoritarismo anteriormente sofrido ao agredir D. Marta – uma companheira de asilo que vive a esperar uma carta do marido que a abandonou – duas vezes, matando-a na última, ao golpeá-la três vezes na cabeça com um livro.

*O mundo em
minúsculas*

eu tinha de fazer alguma coisa. repetia aquele apelo louco. venho falar-lhe do amor, preciso lhe falar do amor, da minha mulher, de como fiquei sozinho e me quero ir embora, e ela gemia sempre, gritando sob os cobertores coisas abafadas que ficavam em surdina e serviam para me deixar confuso e com medo, parecia que o impasse se adensava pelo lado mais impossível de resolver. como se viesse a ser mais complexo, mais exigente para com a minha dificuldade em pensar, em estar certo de que existia justiça naquele meu desespero de a procurar e querer trazer do silêncio uma pacificação. e sem saber o que fazer, fiz o pior. bati-lhe três vezes com a mão através dos cobertores. três pancadas fortes que se amorteceram na espessura das roupas da cama, e que foram suficientes para que ela ficasse imóvel petrificada com a agressão. o silêncio foi profundo em seguida, como casmurrantemente recusando-se a permitir um diálogo satisfatório. o silêncio tombou sobre nós como uma pedra sepultando para sempre a oportunidade de nos entendermos. (MÃE, 2010, p. 49-50).

273

Paradoxalmente, as agressões se dão quando vai a seu quarto, à noite, em busca de uma aproximação que traga conforto aos dois. Também é surpreendente o fato de o protagonista não se lembrar de seus atos e, conseqüentemente, agir como se nada tivesse a ver com o homicídio. Aquela fora mais uma dentre outras mortes obscuras que ocorriam rotineiramente no Lar da Feliz Idade; todas superficialmente investigadas e devidamente esquecidas à medida que outra pessoa ocupava o lugar daquela que morrerá.

A vida inteira António buscara definir a sua identidade como um bom pai de família e cidadão digno, ainda que tivesse de recorrer ao es-

quecimento para isso. E é essa dialética entre memória e esquecimento que define a personagem e dá o tom que perpassa o romance.

Lourenço Mutarelli, ilustrador da capa para a edição brasileira, declarou, em uma entrevista, que o romance revela claramente a estrutura da narrativa como uma engrenagem. Os pássaros emblemáticos do remorso do protagonista, concretizados na sua pintura, são partes dela.

Considerações finais

Valter Hugo Mãe tornou-se conhecido pelo impacto causado pelo seu discurso literário e, também, pelo uso de minúsculas como uma forma de enfatizar a oralidade. Em *A máquina de fazer espanhóis*, especificamente, embora não objetivamente assim pensado pelo escritor, a julgar por suas entrevistas, a escrita em minúsculas se presta a expressar graficamente o sentimento de inferioridade de que o romance trata, corroborando a crise identitária que afeta os personagens na diegese.

Antônio Silva, em um universo ficcional povoado por Silvas, personifica o drama nacional da perda – dos tempos áureos, do poder econômico, da própria identidade. Ante a presença inevitável da morte e a impossibilidade de modificar o passado que prefere esquecer, sobra-lhe apenas o que resta ao cidadão português contemporâneo, igualmente atado, ciente da morte iminente de sua esperança de autonomia e estabilidade: a angústia.

Referências

AFONSO, Rosemary G. A Máquina de fazer espanhóis, de Walter Hugo Mãe: Qualquer discurso pode ser autoritário. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 9, n. 33, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/1186/709>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. 4. ed. Carnaxide: Objetiva: Alfaguara, 2010.

_____. Valter Hugo Mãe: 'O Brasil é uma lição para os portugueses'. Entrevista concedida a Lilian Fontes. **Veja Meus Livros**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/entrevista/valter-hugo-mae-o-brasil-e-uma-grande-licao/>>. Acesso em: 23 jul. 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 12. 1993.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 1989.

*O mundo em
minúsculas*

275